

O Haiti é aqui

É de uma tolice sem tamanho o Brasil insistir em sua primazia no país centro-americano

Sacha Calmon - Advogado tributarista, coordenador do curso de especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, professor titular da UFRJ

O Haiti foi o primeiro país das Américas a abolir a escravidão. Chegou a ter uma economia razoável para o seu pequeno tamanho. Exportava frutas, bananas, principalmente, madeira, pescado, tabaco, açúcar e chegou a ter uma manufatura incipiente, mas adequada às suas necessidades, bens de uso e consumo, roupas, artigos domésticos etc. Mais recentemente criou zonas industriais maquiadoras para exportar mão de obra barata, como ocorreu na fronteira com o México e Estados Unidos. O que lhe aconteceu? A invasão de grandes empresas americanas industrializadoras de produtos primários, como ocorreu em toda a América Central (neo-colonialismo), seguida de uma aliança com a elite local “terrateniente”, os grandes latifundiários e a pequena burguesia citadina feita de “doutores” formados nos EUA e na França. Sem controle da natalidade e exploradas economicamente, os negros se multiplicaram rapidamente, sem educação, emprego e meios. Submetidos – os homens inventam preconceitos do nada – aos mulatos, mestiçados com brancos espanhóis e franceses, viram-se dominados por ditadores corruptos.

Um terço da ilha Hispaniola aonde por primeiro chegou Colombo – é o Haiti, ex-colônia francesa. O restante é a República Dominicana, vizinha de Cuba. No século 20, Rafael Trujillo mantinha a ordem na Dominicana, Batista em Cuba e Papa Doc no Haiti, todos sob os auspícios do grande comércio e dos governos norte-americanos. De todos o mais azarado foi o Haiti. Papa Doc e depois Baby Doc e seus tonton macoute (polícia política) perpetraram todos os crimes possíveis e mantiveram o poder até o país inviabilizar-se. O padre Jean Bertrand Aristide, com a ajuda dos marines entrou para modernizar e democratizar o país, mas tornou-se feroz e corrupto. Vieram as sanções dos Estados Unidos e da Organização das Nações Unidas (ONU) e o Haiti, estrangulado, restou sozinho com o seu sofrido povo. Os ricos se foram. René Préval acabou com as forças armadas golpistas, mas virou um fantoche. A essa altura, os Estados Unidos entregaram a segurança e a estabilidade do país à ONU e, finalmente, ao Brasil, que pressuroso e ingênuo, para lá se mandou. Brigou com êxito contra as gangues, as desarmou e iniciou um diálogo pacificador com a sociedade, jogos de futebol, Viva-Rio, Zilda Arns, todos ajudando os seus irmãos favelados de lá, até que ocorreu a tragédia de agora. São quase 10 milhões de pessoas. A desgraça foi mesmo do capital, Porto Príncipe, onde vivem quase 2 milhões, numa espécie de Morro da Mineira ou da Favela do Alemão, no Rio de Janeiro, amplificadas. E agora o que resta fazer o Brasil por lá?

É de uma tolice sem tamanho o Brasil insistir em sua primazia no Haiti. Tudo o que fizemos lá virou pó. A refundação do país, por obrigação histórica, culpa

mesmo, cabe primeiro aos EUA, com Obama, mais humanitário, coordenando uma coalizão de países ricos a ser estruturada pela ONU (os norte-americanos, militares e civis, não recebem ordens de chefes de nenhum país). É claro que vamos participar, somos o país que mais conhece o povo de lá. De resto, temos muito o que fazer por nós. Não se justifica mais – a não ser no papel de conselheiros e partícipes da coalizão – fazer do Haiti nosso protetorado somente para empurrar a aspiração de termos um assento vitalício no Conselho de Segurança da ONU. Esta hora virá, no futuro, com inteira naturalidade. Por ora, é prematura a pretensão que a todos parece quase que uma imposição, tal a obsessão de nossa chancelaria, a meter-se até na mediação entre Israel e Palestina. Além do mais, os EUA, perto do Haiti, fará tudo para evitar levas de barcos em direção aos seus litorais. Aliás, já começaram o bloqueio. Serão de 10 mil soldados norte-americanos.

Estamos indo além de onde nossas pernas alcançam. Vejam no que deu o comodato incondicional de nossa embaixada em Honduras, algo sem nenhum cabimento e o afrontoso abraço de amigos dado no líder fundamentalista do Irã, liberticida e antidemocrático Mahmud Ahmadinejad. Ficamos contra o povo desses países, destruindo parcialmente a simpatia mundial que nos envolve, sem falar nessa amizade com o líder de um governo com data para acabar ou virar mais uma ditadura escancarada. Refiro-me ao presidente da Venezuela, Hugo Chávez. Por último, mas não menos importante, já que o mundo volta-se a ajudar o Haiti, merecidamente, cabe ao nosso governo prover ajuda e reconstrução aos brasileiros vitimados pelas fortes chuvas das últimas semanas que nos castigam, igualmente merecedores de compaixão e solidariedade.